



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR — Carlos Maria Coelho

Redacção, administração e tipografia: Calçada da Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa — PORTUGAL  
Endereço telegráfico: Talha — Lisboa — Telefone 5339  
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## O ESTADO VIGARIZADO!

### A BURLA DOS 50 MILHÕES DE "DOLLARS"

A maior bandalheira da alta finança que atesta a completa dissolução da sociedade burguesa — que, dia a dia, temos vindo assinalando

Depois disto prendam-nos, persigam-nos, matem-nos por gritarmos bem alto: Ladrões! Bandidos! Assassinos do povo! Perante o vosso crime, os presidiários do mundo inteiro, os degredados, os condenados à galé, são incomparavelmente mais respeitáveis do que vós — o canalha da "mais alta respeitabilidade comercial da nossa praça"!

O prometido é devido. Qual foi o pensamento dos negociadores vigaristas do decantado contrato burla de empréstimo de 50 milhões de dollars? E a quem cabe a responsabilidade, perante o país, dessa escandalosíssima burla? Ao Estado? Ao seu delegado «o grande estadista»? Ao escroto Williams, falso representante do grupo financeiro americano? Aos banqueiros portugueses representantes do Credit International de Anvers?

Este tremendo escândalo é difícil de expor e de analisar com clareza num só artigo, mas merece que a ele dediquemos um pouco da nossa atenção por que ele é um exemplo frizante e concludente da bandalheira que impera nas chamadas camadas superiores da sociedade burguesa. Recolhamos, portanto, elementos para nos pronunciarmos depois. Oíçamos hoje o sr. Cunha Leal que, para nós, a pessoa que no parlamento melhor mostrou conhecer a questão em todas as suas minúcias e que mais desassombadamente a tem analisado. Aquele deputado, num discurso feito na Câmara e a que a imprensa só muito levemente se referiu, pôz a descoberto o pensamento dos negociadores da decantada negociação e historiou com clareza o fantástico caso.

### A história da "escroquerie."

«Um dia, disse o sr. Cunha Leal, fundou-se uma instituição a que se deu o nome de Credit International numa cidade da Bélgica onde não temos grandes relações comerciais, a sua sede. Essa instituição fundou-se no dia 20 de Março deste ano e das operações desde então realizadas tem de averiguar o tribunal competente para se saber se essa firma não foi criada, como parece deduzir-se, apenas para os efeitos da operação dos 50 milhões de dollars.

«No dia 10 de Maio o sr. Afonso Costa foi proclamar pelo sr. Nogueira Pinto como representante do Credit International de Anvers, que lhe disse: «A casa que represento neste momento tem a representação duma entidade americana que se chama J. Williams e está em relações com o governo americano; o sr. aceita ou não as negociações concebidas nestas bases?»

## DE BOM HUMOR

Aqui estou outra vez a contar com o meu bloco de notas entre as quais, ao acaso, respiro a seguinte:

### Assistência

Uma palavra, só, com que se define, concretamente, um aglomerado colossal de torpezas, injustas e iniquidades sociais que não vale a pena e que seria fastidioso especializar ou descrever. Que vem a ser isso de assistência? Porque há assistência? E porque há miséria, efeito lógico e imediato da organização social em que se vive e que representa a negação da mais insignificante parcela da justiça. Não obstante, a miséria, a prostituição, o pauperismo e outros flagelos que oprimem o povo são outras tantas necessidades do Estado; outras tantas culmas e arquitraves do complicado edificio social.

Tudo isso é preciso e o crime de que os mais humildes componentes sociais são os espelhos reflexos ou simples agentes, é a suprema necessidade desse mesmo Estado cuja existência seria impossível se criminosos não houvesse.

Do crime e de toda a sorte de calamidades sociais vivem honesta e desafiadamente muitos indivíduos e outros há que, não vivendo com desatouro desse grande infortúnio do próximo de que, aliás, não estão isentos, teriam de se meios de vida, principiando no juízo do supremo e acabando no mais humilde meirinho, na mais abandonada e miserável creatura que vive à sombra das prisões, fazendo recados aos presos.

Tudo é preciso.

Tudo se liga.

Tudo se confunde, tudo se harmoniza e todos os seus contornos, no vinculo dos mais profundos contrastes, nas tantas dúvidas dos últimos planos apagados.

Tudo é preciso.

Mas preciso para quê?

Para que as coisas, os factos e os acontecimentos tenham o seu cunho, o seu relevo especial, sem o qual a monotonia seria geral ou completa.

Se não fosse a miséria como poderia exercer-se a caridade?

A consolação, sem o infortúnio, o bem sem o mal?

isto em metafísica.

Socialmente muda o caso de figura. Assistência.

E' o tema desta crónica.

Abreviemos, por conseguinte. Vamos ao fim, sem rodeios.

A assistência existe.

Não é uma invenção mas um facto.

E existe porque é precisa.

Simplemente ela só assiste aos seus assistidos.

Sendo assim, como é, somente os assistidos na sua maioria, ficam sem assistência, podendo afirmar-se, sem receio de desmentido, que, por via de regra, os mais necessitados do auxilio da assistência são precisamente os menos assistidos.

Em síntese e de facto é assim. O direito não é chamado aqui.

E é assim porque não pode ser ou não convém que seja douta maneira, tanto mais que se a assistência chegasse a todos os assistidos, todos estes teriam o seu remédio e lá se iam iriam por aqua abaixo aquelas colunas principais e arquitraves do edificio do Estado a que me refiro no começo desta crónica.

Conclue-se, do que deixo dito que é preciso que aumente o número dos desgraçados para que aumente o número dos seus beneficiários, a fim de que uma parte reduzida do género humano, ainda que por *spor*, possa dedicar-se ao exercício da caridade que é aquela das virtudes teológicas que mais se recomenda ao Padre Eterno para a concessão dos benefícios do além da vida, na eterna bemaventurança.

Isto não é, de nenhum modo, uma

torna-se-me necessário apanhar-las aos papalvos. Então, forjo telegramas, invento papões, invento um Williams, e no fim de tudo isto assino um contrato provisório. Quando do tenho na mão, digo para os jornais:

«Vem aí o caminho do delegado do grupo americano, vai haver um enorme desafio na praça, aqueles que tenham cambiais tragam-as para a praça.

«A mudança dessa forma as cambiais a um cambio razoável, e então em que provoquem a alta, tenho o máximo interesse em provocar a baixa do cambio, com uma assíria muito maior do que ele estava, para ganhar rios de dinheiro».

### Os lucros garantidos

De facto, o plano era este e era aos burlescos da finança que concebiam o resultado desejado.

As negociações corriam secretas e os burlescos foram espalhando pela praça que o negócio estava fechado e que durante um ano pelo menos o Estado não necessitaria comprar cambiais. Tinha trigo, carvão, dinheiro; a libra havia forçosamente de vir para baixo.

E um dos burlescos foi ao Porto e levantou todos os depósitos, e fez o mesmo em Lisboa e não contente em ter arranjado uns centos de contos ainda pediu mil e tal contos emprestados no Porto e descontou em Lisboa quanto ponde descontar.

Entretanto as negociações do contrato iam correndo, a galga do negócio fechado e garantido ganhava volume, a esperança renascia na praça, e o cambio melhorava.

O governo conservava-se sereno e impenetrável porque a baixa lhe convinha visto trazer consigo o melhor da divida e o baratear a vida, e os burlescos aproveitaram a baixa e compraram quantas libras lhe apareceram.

Primeiro a 20, depois a 22, a 23, a 25, a 30 e a 35 centos para agora as vender a 50 ou mais porque quando a praça soube de certeza que o contrato era um «bluff» deu de atirar com o cambio ainda mais para baixo.

O jogo está pois, bem patente. Os criminosos conhecem-se. Já publicamos ante-ontem os seus nomes. Mas a quem cabem as responsabilidades?

E' o que no próximo número trataremos de investigar.

Justificação de todo o ponto impossível. E', apenas, uma explicação, o motivo duma crónica.

Entendam-me lá por onde e como quiserem os mais conspícuos moralistas e queiram ter a bondade de me relevar a falta do que deixei no tinteiro por causa da falta de espaço.

J. B.

### O 7.º Congresso dos Empregados do Comércio

Por iniciativa da Direcção da Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa, realizou-se amanhã, pelas 21 horas, na sede desta Associação, uma sessão de propaganda deste Congresso. Usam da palavra nesta sessão os delegados da Associação, os colegas Eduardo Relvas e Manuel Maria de Sousa, os quais farão a leitura das teses que, tencionam apresentar, pronunciando-se também sobre diversos assuntos de interesse para a classe.

### REVULSIVOS

Estão alerta, liberal! Defende a vida ao loiro. Pois se o caso descurar Na arena da um escuro E não vive nunca mais.

Já há muito se pretende O toureiro este verdadeiro. Pretensão que muito ofenda A justiça e a liberdade Que a vossa razão defende.

Não se devem permitir A torrida a espanhola. De contrario é de fugir. Vamos todos cá via. Sem ninguém nos acudir.

Basta a grande crueldade Da torrida a portuguesa, Já de si barbaridade. Que se pode ter de mais. Por estuário a malidade.

Nos lá temos pouca sorte Já na Espanha se viu. Nos lá temos pouca sorte. Do touro de morte só vi Um passo a pena de morte.

J. B.

## Conferência ferroviária

São convocados a reunir hoje, domingo, pelas 14 horas, na Associação dos Caixeiros, rua António Maria Cardoso, 20, 1.º, todos os ferroviários da C. P., Sociedade Estoril e Sul e Sueste, pertencentes à circunscrição de Lisboa, a fim de se pronunciarem sobre a próxima conferência ferroviária.

Far-se há representar a Confederação Geral do Trabalho por intermédio da comissão ultimamente eleita na secção de federações. Dada a importância do assunto é de esperar que nenhum ferroviário falte.

## UMA BELA INICIATIVA

Os arsenistas vão iniciar uma série de visitas de estudo interessantes

A comissão administrativa do Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército teve uma interessante iniciativa que merece o nosso aplauso. Consta a iniciativa de visitas de estudo durante o corrente mês a alguns estabelecimentos fabris.

Estão já asseguradas visitas aos seguintes estabelecimentos: Companhia Portuguesa de Fósforos, Companhia da Borracha, Companhia União Metalúrgica, Parceria dos Vapores Lisboenses, Manutenção Militar, Imprensa Nacional, Fábrica Nacional de Cordoaria, Fábrica da Pólvora, Sociedade Industrial de Chocolates e Asilo Maria Pia.

Propõe-se ainda a comissão organizar visitas a museus e asilos da capital. Pede-se aos arsenistas que se interessem por estas visitas a comparencia na sede do sindicato, amanhã, pelas 9 e meia horas.

As primeiras visitas que se realizam amanhã são a Companhia da Borracha e Fábrica de Fósforos.

## O crime do Limoeiro

O Sindicato do Pessoal da Carris, occupou-se em assembleia geral deste caso, resolvendo insistir pelo apuramento das responsabilidades

Na assembleia geral de ontem da Associação do Pessoal da Carris, Armando Martins expoz as barbaridades de que foi vítima o desventurado componente daquela classe, Gervásio Antonio Lopes, na Bastilha que se chama Limoeiro. Ficaram também uso da palavra sobre o assunto C. Fortes e J. Batista. Ribeiro, sendo aprovado um voto de protesto contra tal hediondo crime e sentimento pelo falecimento desse camarada.

Foi também aprovado que a classe, no mais curto prazo coloque na sala da sua associação, o retrato desse desditoso camarada, resolvendo mais, não largar o caso, sem que sejam chamados a responsabilidade os responsáveis.

Foi ainda aprovado um voto de louvor aos presos por questões sociais e de delicto comum, que mais se interessaram por que o crime viesse a público, sendo resolvido officiar-lhes nesse sentido.

Fez-se uma questão que rendeu 17500 para ser distribuída pelos ditos presos.

### UMA ORDEM ESTÚPIDA

## Numa revista de inspecção

A guarda republicana, por ordem do administrador, obriga os camponeses a entregarem os seus cajados e recusam-se a devolvê-los

Como de costume, os manobras das freguesias de Orvalho, Sarnadas de S. Simão, Estreito, foram no dia 7 de Agosto a revista de inspecção. Com bastante espanto seu, esses reservistas, ao entrarem naquela vila encontraram às suas portas uma força da guarda republicana que a ordem do administrador do concelho os intimou a fazerem entrega das bengalas e paus de que iam munidos, e que é velho hábito que tem todos os provincianos. Os manobras imediatamente cederam as suas bengalas e paus.

Quando, porém, terminou a revista, os interessados foram junto da guarda republicana reclamar as suas improvisadas armas, recusando os soldados entregá-las.

Os reclamantes extranharam tam formal recusa e perguntando aos soldados qual a razão porque assim procediam, estes responderam terem para isso recebido ordens do administrador.

Muito serenamente e procurando evitar conflitos, os reservistas dirigiram-se à autoridade administrativa a fim de pedirer novamente as suas bengalas e paus. Essa autoridade recebeu-os muito

## CRONICAS DE HAMON

### A Ruína da Civilização?

A humanidade atravessa uma crise, grave e extensa, crise de crescimento que os conservadores e reaccionários de todas as cores consideram naturalmente como uma crise capaz de destruir a actual civilização.

Os mais eruditos comparam a época presente ao período do 3.º século e vem na ruína da civilização greco-romana, uma imagem do que aguarda a presente humanidade se não triunfar o principio da autoridade. E' esta a tese sustentada por um historiador célebre, o sr. Guglielmo Ferrero, num livro interessante: *A ruína da civilização antiga*. Mas se Ferrero é um historiador de valor, como sociólogo é, pelo contrario, muito fraco. Porque desconhece por completo as leis sociológicas e as variações dos ambientes económicos, políticos, sociais, psíquicos, que determinam condições diferentes nos diferentes momentos da história.

Além disso, não tem a serenidade do cientista que estuda os fenómenos sem se preocupar se as conclusões que deles deya tirar vão de encontro aos seus sentimentos políticos e aos seus interesses económicos.

Na crise actual como na crise do século 3.º, o principio da autoridade está em jogo; e não pode ser de outra forma, pois que a evolução humana, vista sob um certo angulo, é o conflito entre o principio da autoridade e o principio da liberdade. Quando a estudamos, constata-se que no decurso desta evolução o principio da autoridade tende sempre a diminuir em intensidade e em extensão, enquanto que o principio da liberdade tende a desenvolver-se nos dois sentidos. O progresso só se realiza pela extensão da liberdade. E foi o esquecimento deste facto, desta lei sociológica, que diminuiu o poder de acção directa e indirecta do bolsevismo.

E' ingenuo que a humanidade tende para um vértice incessante em que nenhuma autoridade existirá, salvo a de nós sobre nós próprios.

Na crise actual o principio da autoridade acha-se fortemente atingido. A hiperexcitação que a guerra lhe deu, motivada pela supremacia concedida aos militares profissionais — cuja essência se consubstancia com o principio da autoridade — teve como consequência o seu esgotamento e uma reacção lógica. Quem ama a humanidade e o progresso deve, portanto, regosijar-se com este enfraquecimento da autoridade, indice de que quando se estabelecer um estado estável, a humanidade terá dado um passo para a frente no caminho do inacessível vértice que ella pretende atingir. E sem dúvida que, visto o enorme abalo mundial, tanto no tempo como no espaço, o passo em frente será grande. Em alguns anos a roda da evolução terá precipitado a sua marcha.

Esta revolução, no meio da qual vivemos desde Agosto de 1914, pode provocar a ruína da actual civilização? Os nossos reaccionários e os nossos conservadores de todas as cores, assim o dizem e assim o creem. Misoneistas por carácter e por temperamento, recam perante qualquer novidade, de forma tal que são incapazes de encarar objectivamente a realidade. O principio da civilização não repousa nem sobre o Direito, nem sobre a Arte, nem sobre a Literatura, mas sim sobre a Ciência, isto é, sobre o conhecimento que existe.

E' somente pelo conhecimento do existente que a agri-

cultura, a indústria, o comércio crescem em intensidade e em extensão e são os três factores principais da Civilização. Direito, Arte, Letras, são simples efeitos; mas que, bem entendido, actuam por seu turno como causas, provocando a extensão e a intensificação da civilização.

Ora na crise actual — é possível que a humanidade sobre o ponto de cair na barbarie dos séculos anteriores? E' possível que o actual conhecimento de todas as sciencias desapareça do espirito dos homens de forma a forçá-los a reconstituí-lo lentamente no decurso dos séculos futuros? Um simples exame da humanidade actual mostra esta impossibilidade.

Pode-se supor a hipótese que toda a Europa caia em pleno deserto onde rebanhos humanos se deglamiem e apesar de tudo, a sciência do século XX não desaparecerá! Nem sequer sofrerá um simples eclipse, porque a América, a Australasia, a Asia e a Africa continuarão existindo com os seus povos tam científicos, tam industriais e industriados como os da Europa.

Pode-se mesmo aventar a hipótese dos continentes asiático e americano serem também envolvidos num processo de desintegração completa e a sciência entretanto não desaparecerá. Mas estas hipóteses são irreais; portanto, a fortiori, a sciência actual não pode desaparecer como desapareceu a do século III. Por conseguinte a civilização capitalista do século XIX não pode desaparecer como desapareceu a civilização greco-romana.

A civilização actual é planetária. A da época romana não o era. Eis o que não vê-mos os que lançam o grito de alarme em nome da civilização! As condições do III século são diferentes das do século XX. Eis a realidade e desta realidade actual resultam consequências diferentes da realidade do século III.

E' verdade que estamos numa época da mesma natureza da do fim do império romano. Mas não estamos numa época idêntica.

Assistimos ao fim das formas autocráticas dos Impérios Germanico e Britânico, assistimos à agonia do sistema capitalista, baseado sobre a autocracia; vemos nascer destas formas em decomposição outras formas politico-sociais baseadas sobre os principios federativo e corporativo, ou por outra, sobre a liberdade e a solidariedade. Nestas mudanças de forma, há evidentemente um elemento de novidade, que choca e amedronta o vulgo, sempre obcecado pela preocupação da estabilidade, isto é, dum sonho irrealizável, porque a estabilidade não existe em parte alguma, nem em cousa alguma; visto que tudo se encontra em perpétuo e incessante movimento. Mas para que preocupar-nos com este terror do vulgo, mesmo quando seja célebre como o sr. Guglielmo Ferrero?

Os cães ladram e a caravana passa.

Augustin Hamon.

## O desenvolvimento das Juventudes Sindicalistas

em localidades onde não existiam núcleos, bastantes se tem formado.

### Foi reorganizado em Silves o Núcleo de Juventudes Sindicalistas

SILVES, 9.-C. — No dia 4 do corrente, sob a presidência de José J. Baptista, secretário por F. Correia e J. Correia e com a assistência de muitos jovens trabalhadores, houve uma reunião com o fim de se reorganizar o Núcleo de Juventudes Sindicalistas e ouvir o delegado da F. S. que tem andado no Algarve em missão de propaganda. Usou em primeiro lugar da palavra o jovem Augusto Passarinho, que faz largas considerações sobre a inação e desleixo dos jovens silvenses e incita os mesmos a reorganizarem-se, a fim de serem amanhã uns trabalhadores conscientes. Refere-se ainda aos velhos para não exercerem coacção sobre os filhos, devendo ajudá-los no cumprimento da sua missão social.

Tomou a seguir a palavra o delegado da F. S., que detalhadamente expõe qual a missão das Juventudes Sindicalistas e qual a sua organização. Faz um ataque cerrado contra a taberna e jogos, prejudiciais à mocidade, incitando a organizar-se e a tratar da sua educação social. Refere-se ainda a vários preconceitos sociais de que enfermam os trabalhadores, e apela para a reorganização do Núcleo em Silves.

Por último, é discutido e aprovado um parecer aonde os jovens silvenses mantem o seu apoio à organização sindicalista.

Faz algumas considerações ligeiras e camarada Francisco Louçã, que agradece a assembleia, sendo encerrada a sessão no meio do maior entusiasmo e todos os oradores muito aplaudidos.

### Formou-se um núcleo em Portimão

PORTIMÃO, 7.-E. — No Sindicato Unico Metalúrgico de Portimão, no dia 5 do corrente, o delegado da Federação das Juventudes Sindicalistas, o camarada Rauldos Santos, deu uma sessão de propaganda que foi muito concorrida.

Rauldos Santos, que foi apresentado à assembleia pelo camarada André Correia, falou largamente sobre o estado mental em que a mocidade operária se encontra, mostrando a necessidade que existe de agrupar os jovens operários de forma a educa-los revolução lucratória.

## Subscrevei para os russos que tem fome!

Homens livres e humanitários! Depressa, auxiliai os russos. A fome não espera o auxílio e urgente! Lembrai-vos, homens livres e humanitários, que vós e crianças debatam-se desesperadamente com a fome provocada principalmente pelas dificuldades criadas pelos governos dos outros países que, violando o direito de cada povo se governar a si próprio, pretendem aniquilar o regime politico e social que ali se implantou, matando a fome o povo russo.

Acudindo a um apelo internacional de solidariedade, em todos os países os homens livres e humanitários, os trabalhadores manuais e intelectuais, estão-se dedicando à tarefa sublime de assistência nos russos que tem fome.

Em todos os países civilizados é enorme e admirável a energia que os trabalhadores dos campos, das oficinas e dos escritórios tem desenvolvido para socorrer os seus irmãos esfomeados.

A consciência do proletariado português não pode manter-se indiferente as agruras que vinte milhões de russos estão sofrendo. E' necessário que também os trabalhadores portugueses afirmem, ao lado do proletariado das outras nações, a sua solidariedade para com os famintos russos.

Comprindo esse dever de solidariedade, o operariado de Lisboa tem vindo acorrendo ao apelo da Confederação Geral do Trabalho, contribuindo para a subscrição aberta por *A Batalha* com a cota mínima de um escudo. Mas é preciso que todo o país, o proletariado da provincia e as populações rurais se associem com os seus donativos a esta obra que é, acima de tudo, uma obra de humanidade. Que ninguém falte ao cumprimento deste dever, para que o espectro do povo português atinja uma quantia que o honre e o enobreça.



**Linha de Setúbal**

Partidas do Terreiro do Paço às 6h-5, 8,



# AO POVO DE LISBOA

## A gravíssima questão da falta de água na cidade

### Como a Companhia pretende, com a sua propositada escassez, extorquir aos consumidores a fabulosa quantia de 10.500 contos

A União dos Sindicatos Operários de Lisboa, correspondendo a uma das missões para que foi criada, que é defender os interesses comuns de todos os seus componentes, vem, depois de um aturado estudo sobre a falta de água, provar que a sua escassez é propositada, simplesmente para fazer aprovar um novo contrato, que é uma manobra que tem por fim extorquir das algebras do consumidor 10.500 contos que irão encher os cofres da Companhia, demonstrando mais que não há necessidade de novo contrato nem de novas captações de água, pois as nascentes do Alviela bastam para abastecer a cidade desde que toda a água seja aproveitada escrupulosamente e conduzida à cidade e não seja, como até aqui, criminosamente lançada ao rio.

A União dos Sindicatos Operários, em face do desrespeito que os governantes demonstram pelos interesses e reclamações ordinárias da grande massa operária, e da conhecida complacência e proteção dada a todas as empresas que tem por fim a exploração do povo, vem denunciar a esse mesmo povo, vem denunciar ao país, mais uma traficante manobra, que tem por fim extorquir das algebras do consumidor a fabulosa soma de 10.500 contos que irão encher uma companhia, vindo tornar mais amargurada a existência de todos aqueles, que vivendo do produto honesto do seu trabalho, e que dificilmente ganham para comer. Cabe portanto, impedir, estes, assim como a todo o povo consumidor, impedir por todos os meios ao seu alcance que esta, manobra se realize. Reforçamos ao novo contrato que a Companhia das Águas pretende fazer aprovar no parlamento, com aplauso do governo de quem já teve habilidade de conseguir o apoio.

E para prova disto, basta dizer-se que num assunto como este tão complexo, que levou reuniões e reuniões a ser debatido, tanto pela U. S. O. como pela Câmara Municipal e Sociedade das Ciências Médicas, apareceu um ministro do comércio, que tomou conta da pasta um dia e na noite seguinte, perante uma reunião de jornalistas por ele convocada, já se sentia habilitado a afirmar que o novo contrato era uma excelente coisa, toda cheia de vantagens e que o levaria imediatamente ao parlamento, o que fez. Que inteligência!

No entanto, o povo que desperte, abra os olhos e veja como os governantes se dão pressa a tratar e resolver os assuntos que dizem respeito às grandes companhias em contraste com a morosidade com que tratam os seus interesses e reclamações.

Portanto isto, nós vamos demonstrar aos governantes que, não só o novo contrato não é a excelente coisa apregoada pelo sr. ministro do comércio, como também ele não é necessário, visto não existirem as razões que a Companhia alega—falta de água, visto que essa mesma Companhia, como adiante se prova, a lança ao rio, em grandes quantidades, para conseguir os seus gananciosos fins.

E seja-nos permitido dizer: antes de mais nada, como dasabado à indignação que nos dá a alma; o que é preciso é fazer respeitar à Companhia o contrato em vigor e proceder a uma investigação honesta, aos seus crimes chamando à responsabilidade os seus autores.

### O novo contrato

Base primeira: A Companhia das Águas de Lisboa obrigará-se a:

1.ª Aplicar os siões do Alviela de modo a permitir a passagem do volume máximo da água comportável pelo canal.

2.ª A introduzir no Canal do Alviela, durante o período da estivação deste rio, as águas do rio Ota no máximo que seja possível captar.

3.ª A construir um reservatório com a capacidade mínima de 200.000 metros cúbicos para ocorrer às circunstâncias anormais e deficiências na sede de distribuição e melhorar o abastecimento da zona alta da cidade.

4.ª A construir mais dois novos reservatórios, um para a zona média e outro para a zona baixa no lado oriental da cidade; e ainda um terceiro de extremidade na linha marginal de modo a regular convenientemente o serviço da distribuição da água.

5.ª A reforçar, com outros novos, os reservatórios de entrada de água na cidade, de modo a assegurar a alimentação das máquinas durante um mínimo de 12 horas.

6.ª A elevar directamente dos reservatórios de entrada do canal a água da zona alta da cidade.

7.ª A estabelecer uma estação central de energia, dotada de maquinismos elevatórios modernos de harmonia com os volumes de água a elevar.

8.ª A estabelecer as ligações dos novos reservatórios com as estações elevatórias e a sede de distribuição, e a melhorar esta, acomodando-a às novas circunstâncias.

Ora analisemos. O volume máximo que o Canal do Alviela comporta é de 40.000 metros cúbicos diários—pag. 138 da Memória sobre as águas de Lisboa do engenheiro Augusto Montenegro—à nascente dos Olhos de Água, que o alimenta, não produz mais que 45.000 metros cúbicos diários, dos quais 15.000 por dia eram destinados à agricultura e, assim, para o abastecimento de Lisboa só podem ser derivados 30.000 metros cúbicos; isto sem grave prejuízo de terceiros—obra citada, pag. 135 e 136.—Que mais volume de água do rio Alviela obtem a Companhia com a duplicação dos siões a que se compromete no n.º 1.º, se a água dos 30.000 metros cúbicos e aquela canal comporta já 40.000?

Então o 2.º sião é que vai fornecer à Companhia o máximo de água a que se compromete no n.º 1.º visto que a água toda que pode neste momento trazer pelo canal não passa de 30.000 metros cúbicos e aquela canal comporta já 40.000?

Então o 2.º sião vai dar à Companhia das águas a água que ela diz faltar-lhe na nascente?

Como é que nos meses de Janeiro a Abril de 1915, período de chuvas e portanto de abundância de águas, o canal do Alviela não deu mais de 31.000 metros cúbicos diários de água, pag. 18 dos anexos ao relatório da Direcção de 1913, últimos mapas que publicou a Companhia—e hoje, mercê da intenção e desejo de fazer aprovar um novo contrato, é preciso, é necessário, é urgente e inadiável, fazer-se um segundo sião; que permita a passagem do volume máximo de água comportável pelo mesmo canal? Pois se o canal comporta 40.000 metros cúbicos e nunca deu passagem a mais de 30.000 metros cúbicos, a Companhia diz ser a produção máxima da nascente dos Olhos de Água e que portanto ainda faltam 9.000 metros cúbicos para atingir o volume máximo da sua capacidade, que necessidade há de ir construir um 2.º sião?

Percebemos: é a necessidade que a Companhia tem de dourar a pilula, para mais facilmente passar, alegando despesas que ela necessita fazer noutras partes, como a seu tempo apontaremos. Continuemos. Diz o n.º 2.º que a Companhia se obriga a introduzir no 2.º sião as águas do rio Ota e a Companhia tem o cuidado de acrescentar, no máximo que seja possível captar.

Ora vamos demonstrar que as águas do rio Ota não resolvem nem sequer remediar a falta de água que a cidade luta e que a Companhia diz não ter para lhe fornecer. Senão vejamos. O Ota não dá os 11.000 metros cúbicos diários previstos pela comissão de 1914. O Ota quando muito só produz 5.000 metros cúbicos (n.º pag. 108 da Memória sobre as Águas de Lisboa do engenheiro A. Montenegro. Além disso, essas águas são subsidiárias de pequenas indústrias locais, como arrozais, azenhas e hortas, que certamente não suportariam a falta de água na sua captação. Mas há mais e mais grave. As águas do rio Ota não podem ser aproveitadas sem a sua completa depuração como o constatou a comissão de 1914 e o confessa no seu relatório na pag. 3.ª.

Ora como nas bases do contrato não existe cláusula alguma que obrigue a Companhia a essa depuração, como se consente que ela vá aproveitar para o consumo público águas que são de péssima qualidade? Inconsciência ou malvadez?

A Sociedade de Ciências Médicas, já exteriorizou os seus protestos pela irrisória circunstância de na comissão de estudos das águas não ter interferência um médico especialista.

Como é que se pretende resolver tão gravíssimo problema com uma mistificação? Ou os Olhos de Água produzem—e nós mostramos que assim é—muito mais e a Companhia o oculta para produzir a escassez ou conseguir arrancar um contrato injustificável, ou a estivação é um facto e as soluções apresentadas pela Comissão não esclarecem o assunto e não só a água continuaria a faltar, visto que mesmo que se reunissem as águas do Ota, aos 31.000 metros cúbicos do Alviela, ainda assim não excederiam a capacidade do canal visto que 31+5=36 e o canal como já vimos comporta 40.000. Que necessidade há de construir um 2.º sião?

Os números 3.ª e 8.ª, referem-se à construção de reservatórios, reforço dos existentes, elevações e ligações de água, bem como à drenagem de novos mananciais para o abastecimento de Lisboa. Ora tudo isto se encontra previsto no contrato existente de Abril de 1868. Ali expressamente se consignava à Companhia das Águas a obrigação seguinte:

«Condição primeira: A empresa obriga-se a abastecer de água a cidade de Lisboa, a sua custa, por sua conta e risco, nos termos e com as cláusulas deste contrato. ...»

Parágrafo segundo: Por cidade de Lisboa entende-se a compreendida na tal circunvalação. Mas se de futuro se alargar essa circunvalação, promove-se há ao abastecimento dos novos tratos que acrescem sem dependência de novo contrato, aplicando-se-lhes, quanto possível as disposições aqui estipuladas.

Pergunta a U. S. O. a que vem, pois, um projecto de novo contrato, de novas captações, de novos reservatórios, de novas elevações, de novas canalizações e de novos preços de água? Ao alargamento e expansão da cidade e ao desenvolvimento da sua população, diz a Companhia. Respondemos nós, sem receio de contradição: Tudo isso está previsto no § 2.º da Condição 1.ª do contrato de 68, acima transcrita. O que a Companhia tem necessidade é de reparar os seus adeguidos, canais, canalizações e máquinas. Mas como o não quer fazer a sua custa, vá de sofismar a falta de água e a necessidade de novas captações para assim arrancar um novo contrato de empréstimo de 10.500 contos, que o povo consumidor pagará se deixar que a manigância do contrato seja um facto. Portanto, é indispensável que o povo consumidor se oponha aos desígnios dessa criminoso Companhia e lhe responda altivamente, que não está disposto a pagar os consertos ou substituições que a Companhia urgentemente necessita fazer nos seus maquinismos, nas suas canalizações, etc., porque se isso está deteriorado se deteriorou em benefício da Companhia e não em benefício do povo, que tudo se deteriorasse, prova-se tudo isto. 1.ª A deterioração dos maquinismos é de tal ordem que, se não se fizerem em tempo uma caldeira reboante mantendo um operário (1) e ferindo gravemente outros e estando as restantes em tal estado, que nem todas trabalham por estarem inutilizadas e as que trabalham, estão de tal modo, que os operários têm-na de tal momento em destruição, como o acima citado. 2.ª As canalizações estão de tal ordem que não só as fugas são constantes e portanto os desperdícios de água são importantes, como se constata há dificuldade de vedar qualquer furo quando a necessidade de fazer novas derivações, etc.

Vem a pedir dizer, que todo este estado de deterioração, se deve à desmerida ganância da Companhia, pois que, até acabou com as oficinas que possuía, onde existiam operários práticos que iam remediando até certo ponto o material da Companhia. A Companhia acabou com essas oficinas, para aparentemente meter nos cofres a insignificante verba que gastava com os seus operários. Resultado: deixar chegar todos os utensílios ao estado que constatamos e agora como lhe é inadiável repará-los e substituí-los, vá de sofismar um novo contrato pelo qual se eleva escandalosamente o preço da água, para arrancar ao povo consumidor a verba necessária para o conserto dos seus deteriorados utensílios. Não, não, não. Não pode ser, não há de ser. Estamos certos que o povo consumidor não consentirá que se consuma tal monstruosidade. Continuemos.

Base segunda: As obras fixadas na base anterior serão executadas conforme os projectos que forem aprovados pelo governo e terminadas no prazo máximo de quatro anos, a contar do dia da assinatura do contrato, salvo caso de força maior devidamente justificado.

Pouco temos que dizer a esta base.

Mas sempre lembraremos como prova abonatória das garantias da Companhia, de que ela se obrigou a construir o canal do Alviela em quatro anos, contrato de 68, condições 7.ª e 8.ª, e em Outubro de 1890, isto é, oito anos mais, é que fez chegar a Lisboa a primeira gota de água.

Base terceira: Fica o governo autorizado a facilitar a operação financeira necessária para a execução das obras, segundo os projectos a que se refere a base segunda, garantindo as mesmas obras e os bens da Companhia, sem prejuízo das atuais consignações, juro e amortizações respectivas.

A isto diremos, a título de informação, visto que o que nos preocupa é demonstrar não haver necessidade de novo contrato e opor-nos à realização do segundo, que a Companhia se obrigou pelo artigo 2.º do contrato de 68 a elevar o seu capital a 9.000 contos, dos quais só emitiu 7.000, recolhendo dos 7.000, 2.000 em cartela, que juntos aos 2.000 que falta emitir, perfaz um total de reservas de 4.000 contos. Isto não falando nos imóveis e títulos de diversas procedências onde tem immobilizados perto de 500 contos.

Que causas levam portanto o Estado a emprestar dinheiro a uma companhia, que segundo a base primeira do contrato de 68, expressamente se obriga a sua custa e por sua conta e risco, a abastecer de água a cidade de Lisboa?

Base quarta: Para a liquidação da actual dívida da Câmara Municipal à Companhia, por excessos de consumo, será calculada uma anuidade a taxa de 6 %, de forma que o referido débito, sem juros de mora, fique saldato no prazo de 25 anos. Isto não nos interessa. E' com a Câmara e ela que se defende.

Base quinta: Considera-se há água disponível em cada mês, aquela que durante ele houver entrado nos reservatórios e centralizações de distribuição, depois de deduzidos 10 %, para perdas por evaporação, fugas e descargas nos canos, e de se somar ou subtrair, conforme o caso, a diminuição ou aumento dos volumes dos reservatórios no fim do mesmo mês.

Da água disponível pertencerão dois terços ao Estado e à Câmara Municipal e o terço restante à Companhia, que dela poderá dispor livremente.

§ 1.º A determinação do volume de água correspondente aos dois terços atribuídos ao Estado e à Câmara Municipal, far-se-á nos termos da condição 7.ª do contrato de 18 de Julho de 1898, autorizada por carta de lei de 7 do mesmo mês, com as modificações que resultam da aplicação desta base.

§ 2.º A parte gratuita a que o Estado e a Câmara Municipal têm direito, não será em caso algum inferior ao volume total do consumo de água que lhes foi atribuído em 1919, que sempre as nascentes possam fornecer um volume de água não inferior ao deste ano.

Isto é com o governo e com a Câmara. Nós não dispomos de tempo nem de espaço para entrarmos na sua apreciação.

Base sexta: O fornecimento de água a particulares será feito com regra por meio de contador, mas poderá também ser realizado por torneira reguladora, depósito ou avaria, mediante requisição do consumidor.

O público aqui ficará estonteado; o preço da água por esta condição não terá quantia fixa e possuirá a elasticidade que a Companhia lhe quiser dar. Se hoje existindo disposição contratual que a obriga—artigo 38 do regulamento de 1880—a fornecer contadores, ela o não faz aos mil e uns consumidores que se esbafam a requisitá-los, apesar desses instrumentos de contagem andarem aí anunciados com abundância, nunca mais a Companhia fornecerá água por contadores mais sim por avaria, mas esta será ao preço que ela quiser. A torneira reguladora, o depósito ou avaria serão o que a Companhia quiser arrancar ao consumidor.

Agora vejamos a base sétima.

O Estado e a Câmara Municipal receberão gratuitamente os dois terços da água disponível fixados na base quinta, sendo as respectivas contagens mensais liquidadas definitivamente no mês seguinte àquele a que disserem respeito.

§ Único: Quando o Estado e a Câmara Municipal gastarem mais do que os dois terços que lhes pertencem, o excesso do consumo será pago à Companhia por 50 % da venda aos particulares.

Isto são também negócios e compensações que a Companhia dá ao Estado e Câmara se elas aprovarem e chorarão de contentamento.

Como se constata, essas compensações são importantes o que prova que a coisa dá para tudo. O pior é se o consumidor, a vítima não consente, o que cremos, e se deixarmos assim esfolar. Continuemos na análise ao mostrarmos.

Base oitava: O preço da venda da água será determinado por uma escala móvel em ordem de obter a receita necessária para com as demais receitas ordinárias da Companhia prover as seguintes despesas:

a) Despesas ordinárias da Companhia incluindo o actual serviço de abastecimento a que se refere a base 3.ª.

b) Serviço da operação a que se refere a base 3.ª.

c) Anuidade dentro dos limites de 6 e 8 por cento, líquido de todas as despesas ordinárias da Companhia, importância igual à quantia que exceda o mínimo de 6 por cento para ser entregue à Câmara Municipal de Lisboa.

d) Parte do excesso do consumo do Estado ou da Câmara Municipal que não for efectivamente paga pelo respectivo devedor.

§ 1.º A fixação anual do preço das águas será feita nos últimos três meses de cada ano, em relação ao ano seguinte, por uma comissão composta de dois membros nomeados um pela Câmara Municipal e outro pela Companhia.

Em caso de desacordo, será convidado um juiz do Supremo Tribunal de Justiça, indicado por sorteio, a nomear um terceiro membro para desempate, sorteio organizado pelos dois anteriormente mencionados comissionados. Esta comissão porém, porque reunir extraordinariamente em qualquer outra época, por determinação de qualquer das partes interessadas, Câmara ou Companhia, sempre que uma variação sensível de carácter duradouro venha a influir no custo da exploração da água e acomelhe uma nova fixação de preço de água aos consumidores. As divergências serão resolvidas nos termos do § 2.º da condição 25.ª do contrato de 1897.

§ 2.º Quando relativamente certo ano, os lucros forem superiores aos necessários para a distribuição do dividendo máximo e da percentagem que em tal caso competia à Câmara Municipal de Lisboa, constituirá o excedente um fundo especial, que se depositará na Caixa Geral dos Depósitos à ordem da Companhia instituída pelo § anterior, e será atendido para a diminuição do preço da água durante o ano seguinte ou parte dele.

§ 3.º As despesas constantes das alíneas b) e c) da presente base, são consideradas ordinárias da Companhia.

Esta é a principal, a máxima, e a mais edificante base movida deste capcioso contrato. Aqui é que reside a fecundidade de espírito do autor desta interminável prestidigitatória.

O preço da água passa a ser móvel (ou não se tratasse do precioso líquido), ou para mais claramente nos explicarmos: o preço da água passa a ser elástico conforme as necessidades da Companhia respectiva.

Ora ponhamos em função a escala móvel.

a) Serviço de obrigações a 5 % números redondos visto que desprezamos as despesas ordinárias da Companhia.

5 % sobre 7.000 contos por ano—350 contos.

b) Serviço da Base 3.ª ou seja o empréstimo de 10.000 contos para o 2.º sião temos:

1.º Juro de 7 % ao ano..... 700 contos

2.º Amortização em 20 anos, Balcios Sociais fixem-se-lhe 15 anos..... 500

3.º Comissão do empréstimo..... 1.000

(A comissão do empréstimo de 3.400 contos feito ao Porto de Lisboa foi de 400 contos).

4.º Amortização da dívida da Câmara..... 108

5.º 6 % de dividendo às acções..... 300

2.958 contos

Dois mil novecentos e cinquenta e oito contos de despesas anuais, ou cerca de três mil contos, números redondos, que sairiam do preço da água e da algebrada do consumidor se o monstruoso contrato fosse aprovado. Por quanto pagaria o consumidor cada metro cúbico de água?

Que infâmia e que ausência de exemplos.

Que infâmia e que ausência de exemplos.

A Companhia que pelo § 1.º da condição 16 do contrato de 68 é obrigada a reduzir o preço da água logo que os seus lucros atinjam 9 %, e como pela condição 23 do mesmo contrato se obriga a partilhar com o Estado o excesso de lucros que passem de 6 %, e que nunca mais deva dividendo, superiores a esta percentagem e preferir capitalizar em efeitos de carteira os ditos lucros obtidos só para desfraudar o Estado, de quantos «trucs» se não valeria para sofismar o cumprimento desta base 8.ª com a elasticidade da escala móvel.

Mas vejamos o resto.

Base nona: E' mantido ao governo ou ao município o direito de reunir a concessão assegurada pelo contrato de 27 de Abril de 1897, condição 17.ª, com as modificações constantes da condição 5.ª do contrato de 18 de Julho de 1898 e ainda com as seguintes:

§ 1.º O direito de remissão só poderá ser exercido ao cabo de 25 ou 35 anos da data da assinatura do presente contrato, devendo o governo ou o município avisar em qualquer dos casos a Companhia até final da terminação dos respectivos períodos.

§ 2.º As obras, que a entidade remetente terá de pagar à Companhia, serão as existentes de entre as que figuram nos sete números da condição 2.ª do contrato de 1898, sendo o valor a pagar referido ao seu custo

constante do respectivo inventário e relatórios das gerências da Companhia, depois de assim fixado tal valor será dividido pelo número 54 e o quociente será multiplicado pelo número de anos que, ao tempo da remissão, ainda faltarem para se completar o prazo de 99 anos fixados pela condição 10.ª do contrato de 1897 e 1.ª do contrato de 1898, o produto da multiplicação será a quantia a pagar previamente pelo remetente à Companhia, no que respeita a indemnização pelas obras referidas.

Base décima: O encargo e execução das obras a que se refere a base 1.ª ficam sob a directa fiscalização do governo.

Isto constitui a tentativa esboçada de atrofiar e asfixiar a única base que os contratos de 68 e 98 dão para a salvação da cidade das garras monopolistas. Dilue-se, adia-se, prolonga-se e difere-se para mais amplo prazo o direito que o governo e a Câmara tem neste momento por força da condição 17 do contrato de 68 e base 5.ª do contrato de 98, a remissão já imediata de todo o terrível pesadelo que constitui o odiado monopólio das águas.

Vamos terminar esta análise breve ao célebre contrato. Mas antes queremos aqui lavar o nosso protesto de justo e fundamentado contra esse pretendido salto de firme que essa Companhia criminoso pretende dar às algebras, vidas e saúde do povo consumidor. Ainda queremos acreditar que os governantes não continuarão a entregar toda uma cidade, de entregar a vida e a saúde de milhares de pessoas indefesas a uma Companhia que pela sua inicitia criminoso fomentou em Lisboa a epidemia de febre tifóide, dando-se 2615 casos dos quais 254 foram fatais. A Companhia das Águas de Lisboa é a responsável por estas vítimas como o demonstrou no seu relatório a Comissão nomeada do despacho de 4 de Maio de 1912, publicado nos Arquivos do Instituto Central de Higiene que diz textualmente a pag. 183: «Prova-se que o reservatório da praia recebeu largamente os excrementos da cidade arrastados pela maré, normemente os trançados pela canalização de Alfama que certamente foram levados de refluxo até aos descarregadouros, sem mesmo terem chegado a vazar-se no rio (sic). E' a uma entidade que assim cuida da saúde pública e da vida dos moradores da cidade que é a responsável por todos estes crimes, que se pretende beneficiar com um novo contrato. Não! Não pode ser nem há de ser. O Povo de Lisboa tal não consentirá e será ele que, a única palavra sobre esta infame manigância, a U. S. O. para demonstrar que não faz acusações sem base, insere também o relatório circunstanciado do que os seus delegados viram e observaram, na visita de estudo que lhes impunha fazer, e que fizeram, a todas as instâncias e dependências da Companhia, que julgou necessárias, para colher e ver toda a verdade para elucidar o público sobre tão gravíssima questão.

Só de dois em dois anos, os directores da Companhia visitam a nascente.

Passemos em seguida a visitar e observar o depósito dos Barbadinhos.

O receptáculo das águas do canal acusa constantemente a fartura de água—apear do que atrás deixamos dito—e ainda mais a fartura se acentua quando as máquinas de elevação estão paradas à ordem da Companhia, o que sucede quasi todos os dias, resultando daí a necessidade de fazer a descarga para o mar.

Segundo informações fidedignas, a paralização das máquinas que dos Barbadinhos, quer das Amoreiras, não se dá por faltar a água, mas sim porque a Companhia não convém que a canalização da cidade esteja em carga, não só para que o abastecimento se faça desejável, como também para economia de combustível, e ainda mais, recendo que a respectiva canalização, caldeiras e máquinas não possam funcionar com alta pressão de vapor por se encontrarem em péssimo estado, provando este facto o recente desastre de que resultou a morte a um operário e deixando em estado grave mais três seus companheiros.

Não se compreende, pois, que havendo água em abundância a ponto de a Companhia ter de reserva um enorme depósito em Campo de Ourique, ela proceda de forma a distribuir a água laminiticamente, existindo pontos na cidade onde ela nem mesmo lá chega.

Em face do exposto julgamos bem demonstrado e provado a sociedade de todas as nossas afirmações e acusações, afirmações que são a completa antítese das feitas pela Companhia das Águas. Convencidos estamos, também, que todos os que de boa fé nos lerem devem chegar como nós às seguintes conclusões:

1.ª Não há necessidade de novos contratos com a Companhia das Águas de Lisboa, pois que o que existe prevê a todas as necessidades do abastecimento de água à cidade de Lisboa desde as captações necessárias como a toda a rede de distribuição.

2.ª Não há necessidade da construção de novos siões visto que o existente tem a suficiente capacidade e até excede muito, o volume de água que a Companhia diz que produz a nascente do Alviela e ainda mesmo que lhe quizesse juntar as do Ota o que não pode fazer por serem impróprias para o consumo como demonstramos.

3.ª Ser apenas necessário para resolver a questão das águas obrigar a Companhia respectiva a cumprir fielmente o contrato existente e chamá-la à responsabilidade pelo crime de provocar a escassez da água, dando lugar a muitos e graves prejuízos morais e materiais.

Pela adopção destas conclusões que são a defesa da vida e a defesa dos milhares de habitantes da cidade de Lisboa, a U. S. O. pugnará com todas as suas forças.

Certamente causará admiração a muita gente que sejam nós os operários, os menos instruídos, que vimos opor-nos a essa manigância, que a Companhia das Águas pretende realizar, vindo, como consignamos, a seus fins, encarecer escandalosamente esse líquido indispensável à vida, contribuindo assim para que a maior parte da população de Lisboa não possa gastar na abundância que a higiene e a saúde requerem.

Igualmente extranhamos de ilustrados e que pomposamente põem nos seus programas o levantamento da raça portuguesa; que não seja nenhum desses grandes jornais de informação que se intitulam defensores dos interesses do povo e que fazem monumentais campanhas contra todos os que lhes não agradam ou não satisfazem os seus interesses; que não vejam que o encaustamento da água virá a fazer, como acima dizemos, que muita gente não possa gastar a necessária, e que a falta de higiene contribua em grande escala para a degeneração da raça, levantem o seu brado de protesto, e façam uma campanha formidável no sentido de que esse escandaloso contrato que a Companhia das Águas pretende arrancar se não realize.

Sim! Também nós extranhamos que essas colectividades, que esses sábios, e que essa imprensa se não tenham importado com um assunto de tanta importância; não tenham vindo para público esclarecer a questão, e convidar esse mesmo público a defender-se de mais este premeditado assalto às algebras, e sejam nós, os operários que—oh! irrisão—tão vilmente caluniados temos sido e acusados de um sem número de barbaridades, que tenhamos que vir defender e acordar o povo para se defender do premeditado assalto que a Companhia das Águas quer dar-lhe às algebras.

Não há, afinal razão para extranhezas. Essas colectividades e essa imprensa são o que toda a gente sabe. Os interesses do povo são os defende se isso lhe convém aos seus interesses reservados. De resto não está para massagens. Mas nos operários, que nos não vendemos, nem alugamos a nossa consciência, nós operários, que não frequentamos as universidades onde se fazem doutores, quantas vezes verdadeiros imbecis, mas que frequentamos a universidade da luta pela vida; o que nos falta em instrução livreca suprimimo-lo com a prática da vida. A nós ainda o champagne e os banquetes opor-nos não embuteceram o cérebro e o espírito e obliteraram a sensibilidade.

Por isso nós compreendemos ainda onde estão as grandes injustiças e nos revoltamos contra elas. Compreendemos e sentimos também as dores alheias e humanas e comovemo-nos perante elas. Porque assim somos, porque assim pensamos, em face da sementeira de dores que a Companhia das Águas iria semear se se conseguisse aumentar o preço desse líquido, nos revoltamos e opomos ao contrato que a mesma Companhia pretende fazer aprovar no parlamento e que consignava esse aumento. Só falta que o povo consumidor, de todo o seu apoio à U. S. O., que é representante máxima do operariado de Lisboa, o que esse contrato não seja aprovado. Portanto, que todos estejam alertas; e, quando a U. S. O. que está de sentinela, toque a unir, todos os consumidores acordam a cumprir o seu protesto contra o assalto, que querem dar às suas algebras.

Lutar é um dever. Fugir é cobardia.

A União dos Sindicatos Operários de Lisboa.

A BATALHA é o diário mantido pelos trabalhadores para a defesa dos seus interesses como produtores e como consumidores.

A BATALHA é o único jornal do Povo para o Povo e pelo Povo, contra os políticos que o ludibriam e as «forças vivas» que o exploram e o roubam.

Trabalhadores manuais e intelectuais! Comprando A BATALHA, assinando-a, fazendo-a ler, assegurais o sucesso dum jornal que é vosso.





## Sapataria Imperial

34, Rua do Rato, 36  
**LISBOA**

### CALÇADO BARATO

Para homem, senhora e criança  
de todas as qualidades e modelos

CALÇADO DE HOMEM	CALÇADO DE SENHORA
Bota de calfe preto..... 21000	Sapato preto de 1.ª a..... 11000
de cor..... 20000	verniz pelica a..... 13000

**Importante saldo** Botas de vitela branca a 15000  
Encarrega-se de concertos de toda a espécie

## GRANDE ECONOMIA

### EPOCA AGRICOLA DE 1921

#### Seguros de incêndio de searas

A MUNDIAL, devido a um acordo com um poderoso grupo de Com  
panhias estrangeiras COBRA SO METADE DOS PREMIOS até aqui esta  
belecos nos seguros de cereais e palhas.

ALEM DISSO, A MUNDIAL NADA COBRA a titulo de ENCARGOS  
ou outubruições pois que estas são por ela integralmente pagas.



## A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital 500.000\$00—Reservas: 640.696\$14,7  
SEDE EM LISBOA DELEGACAO NO PORTO  
Rua Garrett, 95—Tel. 4084 R. Sá da Bandeira, 331, 1.ª

## GRANDE ARMAZEM DE CALÇADO

21, Largo Rodrigues de Freitas, 21-A  
(Antigo Arco de Santo André) Telef. C-1384

Grande sortido em calçado para homem, senhora e criança  
**FABRICO MANUAL**

### Grande saldo de sandálias

Sandálias para criança desde	3905
senhora	5305
homem	6375

### Calçado para homem

Bota de vitela branca, desde	15000
americana	21000
calfe de cor, de 1.ª a	27000
preto, de 1.ª a	27000
de 2.ª a	27000

### Calçado para senhora

Sapato de pelica, desde	11000
calfe preto, desde	13000
de cor, de 1.ª a	18000
verniz, desde	17000

Há também grande sortido de calçado da moda por preços sem competência.

## SAIDAL

É o agente único capaz de transformar esta sociedade raquítica e sofrida em sociedade forte e feliz, porque é o único ideal (não tem perigos, nem defeitos) e infalível porque, além da sua acção química, é o único que tem a acção mecânica de fechar herméticamente o útero. Acaba directamente com o aborto, as doenças venéreas e o número exagerado de filhos que se não podem bem criar e educar, e indirectamente com o alcoolismo, a tísica, a sífilis, etc., etc., evitando-lhe os descendentes.

Cura intimamente as purgações, por mais antigas, em ambos os sexos

**FARMACIA CABRAL, Suc.ªs—Pampilha—Lisboa**

## A Crise do Socialismo

Brochura de grande actualidade  
por AUGUSTIN HAMON

Sua evolução. — Sua situação presente. — Suas causas. — Seus efeitos. — O futuro.

**Encontra-se já á venda nas livrarias, tabacarias e quiosques. PREÇO \$40**

## CALÇADO DE LUXO

Grande baixa de preços  
**SEMPRE MELHOR E MAIS BARATO**

### "PAVILHÃO AMERICANO"

RUA MARQUEZ DE ALEGRETE — 77

## BARREIRO

Rua de Miguel Pais, n.º 30  
**José Rodrigues Marques**

Tencionando retirar-se desta vila e tendo já liquidado com todos os seus fornecedores, a caudela, sem conviudar quaisquer pessoas que dele se julguem credores, a apresentar-lhe as suas contas até 10 do corrente, a fim de serem pagas, desde que sejam devidas.

(a) José Marques

## SAIDAL

Especifico ideal e infalível que permite a todos regular o número de filhos na razão de bem os poder criar e educar para uma sociedade forte e feliz.

**FARMACIA CABRAL, Suc.ªs—Pampilha—Lisboa**

## NENO VASCO

Pela secção de livreria do A Batalha o impresso em papel couché, acaba de ser posto á venda um belo retrato deste nosso falecido camarada.

**Preço \$20 centavos**

Para a provincia acesse o porte do correio.

## Aos inquilinos

Quereis defender-vos dos senhorios?

Inseri-vos na agência A PROCURADORA que, por um escudo por mês, se encarrega de todos os serviços do inquilinato, como pagamento de rendas directamente aos senhorios para evitar abusos destes e aumentos ilegais, depósito das rendas quando necessário, e defesa dos direitos dos inquilinos nos tribunais.

**A PROCURADORA**  
Advogados Campos Lima e Carlos de Mendonça.  
Solicitador encarregado: Reinaldo Baptista.  
Rua dos Fanqueiros, 287, 2.ª

## Hino revolucionário

DEDICADO A

## A Batalha

Música do maestro Tomás del Negro  
Letra de João Black

## GRANDES ARMAZENS DO CHIADO

### Grande liquidação de verão

E VENDA EXTRAORDINARIA de

## SALDOS

os quais são postos á venda amanhã, segunda-feira, em todas as importantes secções, onde o público de todo o país pode comprar sempre 30 a 60 o/o MAIS BARATO do que faça as suas compras e nos

## Grandes Armazens do Chiado

de Lisboa, e nas suas 22 filiais no continente e ilhas

### Confecções para senhoras

VESTIDOS de voile, modelos recentes. Liquidam-se actualmente ao preço de..... 28\$000!  
BLUSAS de malha de seda, cores da moda. Eram de 65\$000. Saldam-se a..... 45\$000!  
CASACOS de malha de seda, lindos modelos e cores da moda. Eram de 90\$000. Saldam-se a..... 65\$000!

### Chapeus para senhoras e meninas

Ultimos modelos—Liquidacao completa com abatimentos de 30, 40 e 50 o/o  
Para confronto, uma visita á nossa secção!

### Lãs para vestidos

Um grande lote de lãs em fantasia, cujo valor é de 45\$000.  
Saldamos a 35\$000 e 25\$500

1600 metros de Lãs ás riscas e xadrez, pura lã, largura 1,30.  
Eram de 16\$500.  
Saldam-se a 10\$500

4000 metros de Lãs de fantasia grande novidade em desenhos e cores, artigo inglês.  
Eram de 18\$000 e 22\$500.  
Saldam-se a 10\$500

Um grande saldo de carjas de pura lã em todas as cores. Seu valor 18\$000.  
Saldam-se a 13\$500

Há mais de 15 a 20 mil metros de lãs de diversas cores, que pela sua enorme variedade nos é impossivel descriminar, as quais saldamos com uma diferença de 50 o/o a menos!!

### Lanifícios para fatos de homem

A fim de desavolumarmos esta secção, cuja existência é enorme, resolvemos liquidar com uma diferença de 40 e 50 o/o!

Cheviotes que valem muito mais, resolvemos vender ao preço sensacional de..... 7\$000

Casemiras padões de novidade. Eram de 17\$500. Saldam-se a..... 12\$500

Cheviotes padões ingleses, o que há de mais recente. Eram de 23\$500. Saldam-se a..... 16\$500

Cheviotes de pura lã, lindos padões. Eram de 25\$000. Saldam-se a..... 17\$500

Casemiras pano estambre. Eram de 50\$000 e 45\$000. Saldam-se a..... 35\$000

Uma visita a esta secção, recomenda-se a quem quizer vestir um fato de boa casemira ou cheviote e com uma economia de 40 e 50 o/o!

### Fatos feitos

Enorme sortimento em fatos feitos para homens e crianças, os quais saldamos aos preços de verdadeira sensação!

FATOS feitos de bela casemira, padões modernos, para homens, a..... 55\$000

FATINHOS de bons tecidos, grande variedade, para todas as idades, ao preço sensacional de..... 3\$700

A fim de adquirirem estes fatos e muitos outros que saldamos com enormes diferenças de preços não devem demorar as suas compras.

Confrontem os nossos preços!

### Rouparia para homens e senhoras

Camisas guarnecidas a preguinhas e ponto ajour, para senhora, a..... 3\$350

Camisas de bom pano bordadas á mão, para senhora, a..... 4\$850

Calças bordadas á mão, para senhora, a..... 4\$850

Saias de bom pano branco, guarnecidas a bordados e entremeios, a..... 9\$000

Calças de bom pano, para senhora, a..... 1\$500

Fatos para banho, em flanela azul com riscas, guarnecidos a galão branco, para senhora, a..... 2\$850

BIBES de zephir, padões bonitos, para crianças, a..... 2\$250

Camisas de crêtone com colarinho separado, lindos padões, para homem, a..... 7\$500

Camisas de oxford com colarinho separado, para homem, a..... 6\$950

Camisas de oxford com colarinho pegado, para homem, a..... 3\$950

Ceroulas de oxford, bons padões, para homem, a..... 3\$500

Suspensórios de bom tecido muito resistente, para homem, a..... 1\$250

Alteases de Popeline, lindas cores, a..... 1\$200

VESTIDOS de bons tecidos, para meninas, desde..... 4\$000

BIBES de lindos tecidos, bordados para crianças, a..... 5\$500

### Grandes saldos de meias e peúgas

MEIAS de cores para senhoras, a 1\$750, 1\$250 e..... 950!

MEIAS imitação a seda, lina para senhora, a..... 3\$300!

MEIAS de seda pretas, para senhora, a 5\$200 e..... 4\$000!

MEIAS de seda em cores e pretas para senhora, a..... 8\$500!

PEUGAS de cores com canhão para crianças desde..... 180

PEUGAS de cores com canhão, para homem, a 1\$250 950, 650 e..... 450

CHAPEUS de palha com bons forros e fitas de seda, para homem a 4\$500 e..... 3\$750!

CHAPEUS de palha com bons forros e fitas de seda para rapaz, a..... 2\$500

### 3 SALDOS DE CHAPEUS de palha para crianças, os quais liquidamos

5\$500, 4\$800 e..... 2\$000!

## GRANDE LIQUIDACAO DE CALÇADO

PARA HOMEM

BOTAS de vitela branca, a..... 19\$000!	SAPATOS de lona em cores diversas, a 12\$00
BOTAS de cor, boa qualidade, a..... 20\$000!	SAPATOS de chevron de cor, a..... 9\$900!
SAPATOS de trança, qualidade esplêndida, a..... 1\$750!	SAPATOS de trança, qualidade esplêndida, a..... 1\$500!

PARA SENHORA

SAPATOS de lona em cores diversas, a 12\$00	SAPATOS de chevron de cor, a..... 9\$900!
SAPATOS de trança, qualidade esplêndida, a..... 1\$500!	SAPATOS de trança, qualidade esplêndida, a..... 1\$500!

### UMA PECHINCHA!

CASSAS

inglesas, com bonitos padões de novidade. Eram de 4\$500 e 2\$900. Baixaram para 2\$450 e..... 1\$800

ETAMINES

suissas, grande largura, padões de grande efeito e cores lisas. Eram de 7\$500 e 4\$500. Baixaram para 3\$950 e..... 3\$400

PONGES

suissos, mercerizados, todas as cores. Eram de 2\$950. Baixaram para..... 2\$250

CHITAS

lindos padões de novidade. Eram de 1\$400 e 1\$350. Baixaram para..... 1\$150

VOILE

Lainette, tecido lavavel, padões de grande fantasia. Eram de 6\$900. Baixaram para..... 4\$250

PONGES

sedalina, artigo muito brilhante, finas cores. Eram de 4\$950. Baixaram para..... 4\$000

### CIRCACIANAS

TECIDO DE IMITACAO DE Lã  
Nova remessa em padões escuros 1\$200!

OXFORDS

enfestados, padões lindos para camisas. Eram de 1\$550. Saldam-se, a..... 1\$000!

COTINS felpudos, imitação a casemira. Eram de 2\$500 e 2\$150. Saldam-se, a 1\$950 e..... 1\$450!

PANOS patentes, sem preparo, para roupas. Eram de 1\$200. Baixaram a..... 950

RISCADOS

escoceses, bonitos padões para saias e aventais. Eram de 1\$600. Saldam-se, a..... 1\$300!

COTINS militares, qualidade resistente e boa cor. Eram de 2\$80. Baixaram para..... 2\$100!

### SEDAS! MAIS BARATAS SEDAS!

MESS LINES de pura seda, todas as cores. Valem muito mais. Saldam-se a..... 7\$500

MALHA de SEDA

A grande moda para casacos largura 1,10. Eram de 40\$000. Saldam-se a..... 22\$000!

CREPE de China, grande largura, todas as cores moda. Saldam-se a..... 17\$000

São tão grandes as diferenças dos preços porque vendemos os artigos adquiridos, que, já pouco teriamos, se os tivéssemos deixado vender nas quantidades que os nossos concorrentes nos tem querido comprar, mas a Direcção dos GRANDES ARMAZENS DO CHIADO tem recomendado a todos os chefes de secção e gerentes das suas filiais, para que não deixem levar pelos concorrentes, o que foi adquirido para ser vendido exclusivamente aos seus Ex.ªs fregueses de todo o país, que tanto tem concorrido para o engrandecimento de todas as nossas casas, podendo afortunadamente dizermos que hoje, a maior empresa do país, que maior sortido tem e a que mais barato vende, são os

## GRANDES ARMAZENS DO CHIADO



## Sapataria S. Roque

### Grandes Baixas de Preços

Botas de verniz que eram de 45\$ a..... 26\$00

Botas de verniz, cano de camurça, que eram de 49\$ a..... 25\$50

Botas de calf preto que eram de 34\$00 a..... 22\$00

Botas de vitela branca que eram de 25\$00 a..... 13\$75

Sapatos para senhora em magnifico "calf" ou pelica verniz desde..... 11\$0

Calçado de luxo em todos os géneros por preços inacreditaveis.

Fornecedores dos empregados dos Caminhos de Ferro Portugueses e de Sul e Sueste, e da Cooperativa dos Empregados do "Diário de Notícias".

## Queiroz L.

L. Trindade Coelho, 17  
(antigo L. de S. Foque)

## CHAPELARIA LUZITANA

Rua Arco Marquês de Alegrete, 51-54  
**LISBOA**

### Nicolat Gomes Correia

Acaba de receber um grande sortido de cheviotes género inglês, estambres, casimiras e alpacas a preços sem competência. Um enorme stock de casacos de alpaca já confeccionados, assim como gabardines, parashenhoras, sacos. Um grande sortido de kakis

AVIAMENTOS—PARA ALFAIATES

Rua dos Parqueiros, 255

## COBRADOR

Antigo militante da construção civil, actual da agricultura. R. Santo António da Glória, 5, r/c.

## A' grande Baixa de Calçado

a Sapataria Social Operaria

Sapatos em calf preto para senhora 11\$00

Sapatos em verniz todos os modelos 20\$00

Botas calf-preto grandes e saldos 21\$00

Botas calf-preto com duas solas 22\$50

Grande saldo de botas pretas para homem 17\$00

Grande saldo de botas brancas 16\$15

Um colossal sortimento em calçado para crianças

Grande saldo de botas de cor para homem a..... 23\$00

Vão ver, pois só lá se encontra Barato e Bom

18, R. dos Cavaleiros, 20, com filial no 2.º

### Convite a ponderar

Quereis auxiliar A Batalha sem custo? Quem é que hoje, dizendo-se liberal, e sendo-o de verdade, não simpatiza com ela pelo menos e não se esforçará por auxiliá-la pela forma que abaixo se indica?

12 por cento da receita bruta dão á Batalha as minhas tabacarias, situas na Rua do Sacramento (a Alcantara) 19 e 21—Havaneza do Sacramento—Avenida da Liberdade, 6—Tabacaria Gondes. Compram portos, nas referidas tabacarias o vosso tabaco, livros, folhetos, illustrações, romances de caracter social e livros escolares para vossos filhos, tabacarias que vendem também artigos de papelaria, perfumaria, aguas, cervejas, etc., etc.

**GRANDE BAIXA**

Macos de cigarros brasileiros superiores ao "Vanille" 45 para..... 45

Bastos, 60 para..... 45

Cigarilhas: capa de tabaco de 7 centavos para cima..... 45

Aos amadores e admiradores do Cinema: Há grande variedade de fotografias

A. S. Júnior

## A Social

Cooperativa dos Operários Chapelleiros

Grande sortimento em chapeus, lisos e mechas em cores lindissimas, formados dos mais afamados fabricantes estrangeiros

**Grande novidade**

Chapeu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

Especialidade em chapeus de seda e flâmulo. Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.ª.

## AOS OPERÁRIOS

Quereis fumar barato? Fazei as vossas compras NA

Tabacaria Franfort

RUA DA ASSUNCAO, 69

Maços com 20 cigarros desde 320 réis

Tabaco em Fio desde 300 réis o pacote

Grande variedade de marcas

## COLECCOES:

A nossa secção de livreria acaba de pôr á venda as colecções seguintes:

## A BATALHA

1.ª e 2.ª ano, 4 volumes encadernados, 50\$00

## de O AVANTE!

43 números \$50

## de A SEMEANTEIRA

2 anos da 2.ª série..... \$50

4..... 1\$00

Previne os sindicatos e outros organismos operários que desejem adquirir a colecção de A Batalha que o devem fazer com a necessária brevidade a fim da referida secção poder dispor dela para atender pedidos individuais.

As despesas de correio ficam a cargo de quem fizer a encomenda

## Aos Ferroviários

da Companhia Portuguesa

Hipólito e Artur da Silva com alfaiataria na Rua do Marechal Saldanha, 22 e 24, no Calhariz, participam aos ex.ªs empregados que, sendo fornecedores da mesma companhia, esperam receber as suas estimáveis ordens, o que muito agradecemos.

## Dr. Afonso Manaças

Sífilis, Coração e Pulmões. Clínica geral e de Crianças. Todos os dias 18 horas. CLASSES POBRES.

Rua do Amparo, 82, 1.ª. Tel.: Central 2638.

## A PROPOSITO

DO—

## DEBATE DE OPINIÕES

A Ditadura do Proletariado

de CARLOS RATES

Preço 40 centavos

Pedidos á administração de A BATALHA

## Carpinteiros

Precisam-se com práticos de limpos, na CARPINTARIA "A PROSPERIDADE". Ordenado de entrada 7\$50.

Só se admitem hoje domingo, até ás 15 horas.

Rua Vitor Bastos, E. A. C., a Campolide.

## A COMUNA

Semanário Comunista Libertário

Redacção e Administração

Rua do Sol, 131—PORTO

## SOCIEDADE "ESTORIL"

Arrendamento das lojas no Parque do Estoril

Tencionando abrir um dos seus hotéis no começo da próxima época a Sociedade "Estoril" arrenda desde já para estabelecimentos comerciais as lojas-galerias á esquerda do Parque Estoril.

As condições de arrendamento acham-se patentes nos escritórios da Sociedade, no Cais do Sodré, n.º 52—Lisboa.